

ESCREVIVÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: A MULHER NEGRA COMO PROTAGONISTA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

ESCREVIVÊNCIAS AND RESISTANCES: THE BLACK WOMAN AS PROTAGONIST IN THE WORK OF CONCEIÇÃO EVARISTO

ESCREVIVÊNCIAS Y RESISTENCIAS: LA MUJER NEGRA COMO PROTAGONISTA EN LA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Stephanie Patricia da Costa da Costa Evaristo¹

RESUMO: A literatura brasileira historicamente se construiu sob a hegemonia de vozes brancas e masculinas, silenciando experiências, subjetividades e narrativas de mulheres negras. Nesse cenário, a escritora Conceição Evaristo emerge como uma das principais vozes da literatura afro-brasileira contemporânea, ao desenvolver o conceito de *escrevivência*, que articula vivência, ancestralidade, resistência e estética. Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar como a escrita de Evaristo, por meio da *escrevivência*, constrói a mulher negra como protagonista de sua própria história, evidenciando processos de resistência, identidade e memória. Justifica-se este estudo pela importância de visibilizar produções literárias que desafiam o apagamento histórico de corpos e vozes negras, e por reconhecer a literatura como espaço político e formativo. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, com base em obras literárias da autora, artigos científicos, teses e dissertações sobre os temas da *escrevivência*, protagonismo feminino negro e literatura de resistência. Como conclusão, verificou-se que a obra de Conceição Evaristo não apenas rompe com os estereótipos historicamente atribuídos às mulheres negras, mas também ressignifica suas trajetórias, tornando-as personagens centrais, complexas e profundamente humanas. A *escrevivência*, nesse sentido, se mostra uma prática que une estética, política e subjetividade, conferindo às mulheres negras o direito de narrar e existir com dignidade.

937

Palavras-chave: *Escrevivência*. Protagonismo feminino negro. Literatura afro-brasileira.

ABSTRACT: Brazilian literature has historically been built under the hegemony of white male voices, silencing the experiences, subjectivities, and narratives of Black women. In this context, writer Conceição Evaristo emerges as one of the leading voices in contemporary Afro-Brazilian literature by developing the concept of *escrevivência*, which weaves together lived experience, ancestry, resistance, and aesthetics. This research aimed to analyze how Evaristo's writing, through *escrevivência*, constructs the Black woman as the protagonist of her own story, highlighting processes of resistance, identity, and memory. This study is justified by the importance of giving visibility to literary productions that challenge the historical erasure of Black bodies and voices and by recognizing literature as a political and formative space. The methodology adopted was a bibliographic review, based on the author's literary works, as well as scientific articles, theses, and dissertations addressing *escrevivência*, Black female protagonism, and literature of resistance. As a conclusion, it was found that Conceição Evaristo's work not only breaks with the stereotypes historically attributed to Black women but also redefines their paths, portraying them as central, complex, and deeply human characters. In this sense, *escrevivência* proves to be a practice that unites aesthetics, politics, and subjectivity, granting Black women the right to narrate and exist with dignity.

Keywords: Inclusive Education. Special Education. Differentiated Teaching Strategies.

¹ Mestranda em literatura comparada -Universidade Federal do Ceará.

RESUMEN: La literatura brasileña se ha construido históricamente bajo la hegemonía de voces masculinas y blancas, silenciando las experiencias, subjetividades y narrativas de las mujeres negras. En este escenario, la escritora Conceição Evaristo surge como una de las principales voces de la literatura afrobrasileña contemporánea, al desarrollar el concepto de *escrevivência*, que articula vivencia, ancestralidad, resistencia y estética. Esta investigación tuvo como objetivo general analizar cómo la escritura de Evaristo, a través de la *escrevivência*, construye a la mujer negra como protagonista de su propia historia, evidenciando procesos de resistencia, identidad y memoria. Este estudio se justifica por la importancia de visibilizar producciones literarias que desafían el borramiento histórico de cuerpos y voces negras, y por reconocer la literatura como un espacio político y formativo. La metodología utilizada fue la revisión bibliográfica, basada en obras literarias de la autora, artículos científicos, tesis y disertaciones sobre los temas de la *escrevivência*, el protagonismo femenino negro y la literatura de resistencia. Como conclusión, se verificó que la obra de Conceição Evaristo no solo rompe con los estereotipos históricamente atribuidos a las mujeres negras, sino que también resignifica sus trayectorias, convirtiéndolas en personajes centrales, complejos y profundamente humanos. La *escrevivência*, en este sentido, se muestra como una práctica que une estética, política y subjetividad, otorgando a las mujeres negras el derecho de narrar y existir con dignidad.

Palabras clave: *Escrevivência*. Protagonismo femenino negro. Literatura afrobrasileña.

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, historicamente marcada por vozes brancas e masculinas, tem silenciado e apagado, ao longo dos séculos, a presença e a experiência da mulher negra. Reduzidas a estereótipos ou relegadas à invisibilidade, essas mulheres foram, durante muito tempo, retratadas de maneira subalterna ou simplesmente ausentes dos enredos e dos discursos literários considerados “canônicos”. No entanto, a partir das últimas décadas, diversas autoras negras vêm tensionando esse cenário, colocando-se como produtoras de narrativas potentes e transformadoras, que desafiam a lógica da exclusão e promovem a centralidade de suas existências. Nesse contexto, a escritora mineira Conceição Evaristo se destaca como uma das vozes mais significativas da literatura afro-brasileira contemporânea, ao construir narrativas fundadas na experiência vivida, na ancestralidade e na resistência cotidiana da mulher negra.

É a partir do conceito de *escrevivência*, cunhado pela própria Evaristo, que sua obra se estrutura como um espaço de luta e reinvenção. A *escrevivência* ultrapassa a mera ficção literária e se afirma como um modo de narrar a partir do corpo, da memória e das dores e amores da população negra, especialmente das mulheres. A autora escreve com a vida, com a carne e com a história, promovendo o deslocamento do olhar literário para as margens sociais e oferecendo protagonismo àquelas que historicamente foram silenciadas.

Diante dessa realidade, este trabalho busca responder à seguinte questão-problema: de que forma a obra de Conceição Evaristo, por meio da *escrevivência*, constrói a mulher negra como protagonista de sua própria história, evidenciando resistência, subjetividade e dignidade em meio às estruturas sociais de opressão?.

A partir dessa indagação, define-se como objetivo geral da pesquisa analisar como a escrita de Conceição Evaristo, por meio do conceito de escrevivência, constrói e reafirma a mulher negra como protagonista de sua própria história, destacando os processos de resistência, memória e identidade presentes em suas obras. Para alcançar esse propósito, a pesquisa foi organizada com os seguintes objetivos específicos: Investigar de que forma a escrevivência é utilizada como estratégia literária e política para dar visibilidade às vivências das mulheres negras nas obras de Conceição Evaristo; Compreender os elementos de resistência social, cultural e subjetiva expressos nas narrativas protagonizadas por mulheres negras nos textos da autora; Refletir sobre o impacto da representatividade da mulher negra na literatura de Conceição Evaristo como ferramenta de desconstrução de estereótipos e afirmação de identidade.

A justificativa deste trabalho se ancora na urgência de discutir e valorizar as contribuições intelectuais e artísticas das mulheres negras na formação do pensamento crítico e literário brasileiro. Ao analisar a obra de Conceição Evaristo, busca-se não apenas reconhecer o valor estético de sua produção, mas também compreender seu papel na luta por equidade, por justiça social e pelo direito à autoria e à palavra. Em tempos de silenciamentos simbólicos e violência estrutural contra corpos negros, a literatura se torna uma ferramenta potente de denúncia, resistência e cura.

939

Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, que envolveu a seleção, leitura e análise de obras literárias da autora, artigos acadêmicos, dissertações, teses e publicações científicas relacionadas aos temas da escrevivência, protagonismo negro, literatura afro-brasileira e resistência.

A construção desta pesquisa parte do entendimento de que a literatura é, antes de tudo, um campo de disputa simbólica e política. Ao dar centralidade à escrevivência como prática estética e política, busca-se evidenciar como a palavra pode se tornar um instrumento de luta e libertação, especialmente quando usada por vozes historicamente silenciadas. A partir da obra de Conceição Evaristo, esta pesquisa se propõe a lançar luz sobre narrativas que não apenas resistem, mas também (re)existem com beleza, profundidade e potência transformadora.

MÉTODOS

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, cujo objetivo principal foi reunir, selecionar, analisar e interpretar textos acadêmicos e literários que abordam a escrevivência, a literatura afro-brasileira e o

protagonismo da mulher negra nas obras de Conceição Evaristo. Optou-se por essa abordagem em virtude da profundidade e da riqueza de reflexões já disponíveis sobre a temática, permitindo o diálogo entre diferentes autores, obras e perspectivas teóricas.

Segundo Gil (2019), a revisão bibliográfica é um método fundamental nas ciências humanas e sociais, pois oferece uma ampla compreensão sobre o estado da arte de determinado tema, identificando avanços, lacunas e caminhos para novas reflexões. Esse método também se mostrou pertinente para este estudo, por permitir o acesso a obras teóricas e literárias que, mesmo em diferentes períodos e formatos, dialogam com a construção da identidade negra feminina na literatura.

Para a busca dos materiais, foram utilizados os seguintes descritores: “escrevivência”, “Conceição Evaristo”, “literatura afro-brasileira”, “protagonismo da mulher negra”, “resistência feminina negra na literatura”, “narrativas negras femininas” e “escrita de mulheres negras”. Esses descritores foram combinados com operadores booleanos como AND, OR e NOT para refinar os resultados de acordo com os objetivos específicos da pesquisa.

As plataformas de busca utilizadas foram o Google Acadêmico, a Biblioteca Virtual da SciELO (Scientific Electronic Library Online), o repositório da CAPES, além de bases específicas de periódicos acadêmicos como Revista de Estudos Feministas, Revista ARACÊ, Revista Letras de Hoje, Revista Katálysis, entre outras. Também foram consultadas dissertações e teses disponíveis em repositórios de universidades brasileiras, priorizando materiais atualizados e com abordagem crítica sobre o tema.

Os critérios de inclusão envolveram: (1) textos publicados considerando o ano de publicação da obra Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo como marco teórico e político da produção literária contemporânea da autora; (2) textos disponíveis em português; (3) estudos que abordassem de forma direta os conceitos de escrevivência, literatura afro-brasileira, interseccionalidade, protagonismo da mulher negra e resistência nas obras de Evaristo. Além disso, foram incluídos artigos com reflexões teóricas de autoras negras brasileiras que tratam da intersecção entre raça, gênero e literatura.

Já os critérios de exclusão consideraram: (1) publicações que não abordassem diretamente a temática central da pesquisa; (2) textos sem autoria identificada ou sem respaldo acadêmico; (3) estudos com viés meramente biográfico ou com análise superficial das obras literárias. Também foram excluídos textos repetidos em diferentes bases de dados, bem como aqueles que não apresentavam relação com o recorte temático específico desta pesquisa.

A seleção final de obras contemplou tanto artigos científicos quanto produções literárias da própria Conceição Evaristo, permitindo uma análise mais completa e sensível da forma como a autora elabora, por meio da escrevivência, a resistência simbólica da mulher negra. A análise dos textos foi guiada pelos objetivos específicos da pesquisa, e realizada de forma descritiva, interpretativa e crítica, a fim de captar as nuances da construção das personagens femininas negras nas obras da autora e o impacto político e estético dessas construções.

A opção pela revisão bibliográfica também se justifica pela natureza crítica da investigação, cujo objetivo não é apenas descrever ou classificar personagens, mas refletir sobre os sentidos simbólicos, políticos e sociais presentes na escrita de Evaristo. Como afirma Marconi e Lakatos (2011), a revisão bibliográfica permite uma aproximação teórica e analítica do fenômeno estudado, favorecendo a compreensão de conceitos e o aprofundamento das discussões propostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória da mulher negra na sociedade brasileira é marcada por uma sobreposição de silenciamentos, apagamentos e resistências. Desde o período colonial, as mulheres negras foram submetidas à lógica escravocrata que as reduziu a objetos de exploração física, sexual e afetiva. Se o corpo negro masculino era explorado no campo, o feminino era ainda mais violentado, não apenas como força de trabalho, mas também como corpo disponível à dominação sexual dos senhores brancos. Esse legado histórico de opressão deixou marcas profundas nas estruturas sociais e culturais brasileiras.

A condição da mulher negra sempre esteve à margem das garantias de cidadania plena. Após a abolição da escravatura em 1888, não houve nenhuma política pública que assegurasse a inclusão social, educacional e econômica dessa população. As mulheres negras, então, continuaram relegadas aos trabalhos mais precarizados, como os serviços domésticos, e à informalidade, situação que persiste até os dias atuais. Segundo Gonzalez (1984), é preciso compreender a opressão da mulher negra a partir de uma perspectiva interseccional, onde raça, gênero e classe se entrelaçam, criando camadas de desigualdade que não podem ser analisadas de forma isolada.

Essa ideia é fortalecida por Carneiro (2003), que afirma que a mulher negra ocupa “o último degrau da escala social, resultado de um racismo estrutural que a desumaniza e a inferioriza sistematicamente. Ainda segundo a autora, essa posição social de subalternidade não é natural, mas construída historicamente por um sistema que associa o feminino ao privado e o

negro à subalternidade, negando o reconhecimento de sua humanidade, intelectualidade e potencial de liderança.

O discurso social dominante, perpetuado por séculos, forjou a imagem da mulher negra como hipersexualizada, submissa, forte por natureza, mas sem sensibilidade ou direito à fragilidade. Djamila Ribeiro (2017) reforça esse ponto ao discutir o mito da mulher negra forte, que acaba por retirar dessas mulheres o direito ao cuidado, à vulnerabilidade e à escuta. Ser vista como forte o tempo todo não é uma virtude, é uma violência simbólica que impede a mulher negra de ser acolhida em sua totalidade, escreve a autora.

Ao mesmo tempo em que são vítimas de um sistema excludente, as mulheres negras também protagonizam formas potentes de resistência. Essa resistência se manifesta cotidianamente nos mais diversos espaços seja no ambiente doméstico, nas lutas por educação, no ativismo, na arte, na literatura ou nas lideranças comunitárias. Como afirma Rosane Borges (2019), a resistência das mulheres negras não é apenas reativa; é também propositiva, criativa e ancestral.

É nesse contexto que se insere a importância de entender o lugar social da mulher negra como uma construção coletiva e histórica, mas também como um território em disputa. A teoria da interseccionalidade, desenvolvida no Brasil a partir das contribuições de intelectuais como Lélia Gonzalez, permite analisar como a mulher negra enfrenta uma tripla opressão: o racismo, o sexismo e a desigualdade de classe. Como observa Gonzalez (1984), a identidade da mulher negra brasileira é forjada a partir de uma vivência que mistura resistência cultural, espiritualidade ancestral e estratégias de sobrevivência frente à exclusão.

A autora propôs o conceito de “amefricanidade” como forma de pensar uma identidade política e cultural das mulheres negras latino-americanas, ressaltando o quanto a língua, os costumes e os saberes afrodescendentes foram marginalizados em favor da lógica eurocêntrica e patriarcal. A partir disso, a mulher negra se coloca como sujeito epistêmico, ou seja, como produtora de conhecimento e não apenas como objeto de estudo ou representação alheia.

Além das análises teóricas, os dados estatísticos reforçam o lugar de vulnerabilidade histórica. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as mulheres negras são maioria entre as pessoas que vivem na pobreza, lideram os índices de feminicídio, têm menor acesso à educação superior e ocupam os empregos com menores remunerações. Isso evidencia a urgência de políticas públicas que reconheçam as especificidades das desigualdades enfrentadas por essa população.

Porém, mesmo diante desse cenário de exclusão, as mulheres negras continuam reinventando estratégias de pertencimento e empoderamento. O fortalecimento das redes de afeto, dos coletivos feministas negros, dos espaços acadêmicos e literários, como o que vem sendo protagonizado por Conceição Evaristo, representam exemplos concretos da insurgência dessas vozes. Como destaca Ribeiro (2019), a ocupação de espaços de fala e de decisão por mulheres negras é uma forma concreta de subverter o sistema racista e patriarcal.

Essa resistência não se dá apenas nas ruas ou nas instituições, mas também nas narrativas cotidianas que constroem e reconstróem identidades. Em um país onde a branquitude ainda é parâmetro de normatividade, a afirmação do corpo negro feminino como território de poder é, por si só, um ato político. Essa resistência simbólica, enraizada na ancestralidade e na coletividade, reforça que as mulheres negras não são apenas vítimas da história, mas autoras e protagonistas de novos caminhos.

A literatura é, nesse contexto, uma das ferramentas mais potentes de resistência e (re)construção de subjetividades. A escrita de autoras como Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Cidinha da Silva e tantas outras, representa um levante contra a invisibilidade. Ao escreverem a partir da experiência vivida, essas mulheres transformam a dor em denúncia, a memória em arte e a oralidade em estética. Como lembra Evaristo (2005), nossos textos, nossos corpos, nossas falas são também armas de luta.

943

Nos primeiros registros da literatura brasileira, nota-se uma ausência quase absoluta de protagonismo negro, especialmente feminino. As mulheres negras eram mencionadas, quando muito, como escravas sem nome, mucamas obedientes ou objetos de desejo. No imaginário colonial e pós-colonial, três figuras principais emergiram como representações simbólicas: a mulata sensual, a doméstica subserviente e a mãe preta acolhedora. Esses estereótipos se tornaram recorrentes em diversas obras, naturalizando uma visão limitada e caricatural da mulher negra, desprovida de subjetividade, intelectualidade ou agência.

Como apontam Dias e Aragão (2025), as mulheres negras foram historicamente excluídas dos processos formais de produção de conhecimento, sendo suas existências reduzidas a papéis funcionais que serviam para reafirmar a lógica colonial e patriarcal. A literatura, nesse sentido, operou como uma ferramenta de reprodução dessas estruturas, consolidando imagens que se tornaram convenientes para uma elite branca dominante.

A figura da mulata sensual, por exemplo, ganha destaque em romances como Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, onde a sensualidade e o exotismo da personagem são exaltados como traços quase naturais de sua identidade racial. Esse tipo de representação reforça um olhar

fetichista e colonizador sobre o corpo negro feminino, reduzindo-o à função de entretenimento ou prazer sexual, como se sua existência não ultrapassasse os limites da sensualidade.

Já a imagem da mulher negra como empregada doméstica, a mucama fiel ou a preta de confiança, como vista em personagens como Tia Nastácia, de *Sítio do Picapau Amarelo*, reflete uma tentativa de domesticar e neutralizar a presença negra, situando-a em posições de obediência e afeto forçado. Como argumenta Fabrini (2018), essas imagens foram fundamentais para manter a ordem social que excluía a mulher negra de qualquer possibilidade de protagonismo ou centralidade.

Outro estereótipo recorrente é o da mãe preta, sempre dedicada, silenciosa, que ama incondicionalmente a família branca que serve. Essa figura, ao mesmo tempo que parece representar afeto, serve como mecanismo de apagamento da mulher negra enquanto mãe de seus próprios filhos, negando-lhe a construção de laços afetivos próprios e reafirmando sua função de cuidadora dos filhos da casa grande. Cisne e Ianael (2022) lembram que ao longo do período colonial, mesmo as mulheres negras que protagonizaram resistências foram apagadas em nome de uma memória nacional que privilegiou a submissão como traço desejável do feminino negro.

Como ressalta Miranda (2019), as mulheres negras foram capazes de se reinventar e de reivindicar seus lugares sociais e simbólicos, desafiando os moldes estabelecidos pela dominação branca e patriarcal. Essa reinvenção passa necessariamente pela literatura, onde muitas autoras negras vêm ocupando, com vigor, os espaços antes negados.

A partir da virada do século XXI, com maior força no movimento de literatura negra e periférica, surgem narrativas que trazem a mulher negra para o centro da cena. Esse movimento é, sobretudo, político. Trata-se de escrever contra o esquecimento, de (re)construir a história com as vozes antes silenciadas, de nomear o que sempre esteve presente, mas que foi recusado pelas estruturas de poder.

Nesse processo, Conceição Evaristo emerge como uma das vozes mais potentes da literatura brasileira contemporânea. Sua escrita, pautada pela escrevivência, coloca a mulher negra como protagonista de sua própria história, não mais como estereótipo, mas como sujeito pleno, com dores, amores, memórias, ancestralidade e força. Como afirmam Da Costa e Hillesheim (2022), ao dar voz às mulheres negras em seus contos, Evaristo transforma o espaço literário em campo de denúncia e resistência.

A proposta de Evaristo rompe com os padrões narrativos eurocêntricos ao inserir a oralidade, a memória e a experiência concreta como fundamentos da escrita. Não se trata apenas

de representar a mulher negra, mas de permitir que ela fale, que ela escreva, que ela produza saber e arte a partir de si. É uma escrita que não se rende ao discurso hegemônico e que desafia o leitor a olhar para a realidade brasileira sob a ótica daqueles que historicamente foram oprimidos.

Além de Evaristo, outras autoras como Cristiane Sobral, Cidinha da Silva, Jarid Arraes e Eliana Alves Cruz vêm ocupando esse espaço com narrativas que desconstroem os arquétipos coloniais e ressignificam a mulher negra como pensadora, escritora, artista e cidadã. É um movimento que se articula com o feminismo negro e com os movimentos de afirmação identitária e racial.

Portanto, refletir sobre as representações da mulher negra na literatura brasileira é também refletir sobre os mecanismos de exclusão que estruturaram a sociedade. É entender que a ausência no cânone não foi fruto do acaso, mas de um projeto de poder que buscou desumanizar e silenciar. Porém, como bem apontam Dias e Aragão (2025), as mulheres negras seguem existindo, resistindo e escrevendo e é pela escrita que muitas delas vêm reconstruindo os alicerces de uma nova literatura brasileira, mais plural, mais crítica e mais justa.

A literatura tem sido, ao longo da história, um dos instrumentos mais potentes para registrar, questionar e transformar realidades. No caso das populações negras, e especialmente das mulheres negras, escrever e narrar-se tem sido também uma forma de resistir aos apagamentos históricos e de ressignificar a própria existência. Em uma sociedade marcada por opressões interligadas de raça, classe e gênero, a palavra escrita adquire um valor político, tornando-se não apenas arte, mas também denúncia, memória e ação.

A mulher negra, historicamente silenciada, tem encontrado na literatura um espaço legítimo de enunciação. Esse espaço, no entanto, não lhe foi dado; foi conquistado a partir de lutas simbólicas e práticas que envolvem a disputa por representatividade, autoria e escuta. Como afirma Moraes (2020), a resistência das mulheres negras passa pela construção de saberes e discursos que desestabilizam as estruturas patriarcais e racistas que definem seus corpos e vozes como marginais. Escrever, para essas mulheres, é um ato de reivindicação de humanidade.

Ao compreender a literatura como campo de disputa de narrativas, é possível perceber o quanto a escrita afro-brasileira, especialmente a produzida por mulheres negras, atua como um mecanismo de reconstrução de memórias coletivas. Trata-se de uma escrita que se ancora na ancestralidade, nas vivências concretas e nas feridas históricas não cicatrizadas, mas também na força da coletividade, do afeto e da espiritualidade. Lima, Silva Rocha e Santana (2025) destacam que a produção literária das mulheres negras periféricas representa uma forma de

autoafirmação diante de um mundo que constantemente as nega. Segundo os autores, essas vozes trazem à tona a (re)existência como modo de vida.

Essa produção literária não se limita ao registro da dor. Ela também celebra a vida, os vínculos, a maternidade, os amores, os saberes populares e as estratégias cotidianas de sobrevivência. Ao fazer isso, ela confronta diretamente os discursos hegemônicos que tentaram, durante séculos, limitar a mulher negra a papéis estigmatizados. Alves e Santos (2021) ressaltam que as histórias das mulheres negras são, antes de tudo, histórias de resistência, coragem e superação. Ao ocuparem o espaço da literatura, elas narram não apenas suas feridas, mas também sua força de renascer e de transformar a realidade.

O que se observa é um processo contínuo de enegrecimento da literatura brasileira, em que novas subjetividades se apresentam, rompendo com a monocromia do discurso literário dominante. As personagens negras ganham centralidade, complexidade e voz. As autoras negras, por sua vez, passam de objeto de representação a sujeitos que narram suas próprias histórias. Esse movimento é profundamente político, pois, como enfatiza Sueli Carneiro (2003), é preciso enegrecer o feminismo e a produção cultural, reconhecendo a especificidade das opressões que atravessam as mulheres negras e valorizando os saberes que emergem de suas experiências.

946

A escrita da mulher negra carrega em si as marcas da coletividade, da oralidade e da ancestralidade. Ela subverte a linearidade narrativa tradicional, dando lugar à memória, ao tempo circular, aos silêncios que falam. Nessa escrita, o corpo é também texto, e a vivência é fonte legítima de conhecimento. Em muitas obras afro-brasileiras contemporâneas, como as de Conceição Evaristo, Cristiane Sobral e Esmeralda Ribeiro, observa-se a presença constante do cotidiano como elemento poético, do corpo como espaço político e da linguagem como gesto de liberdade.

Santana e Cortes (2024) observam que a solidão da mulher negra, frequentemente tematizada nas mídias digitais e na literatura, é um reflexo do discurso racista que a desumaniza. No entanto, ao nomear essa solidão e transformá-la em matéria literária, essas mulheres criam estratégias de resistência simbólica. A escrita torna-se, então, um lugar de denúncia, mas também de criação de redes, de encontros e de cura. Ao se reconhecerem nas palavras umas das outras, essas mulheres rompem o isolamento imposto e constroem coletivamente novas possibilidades de existência.

Nesse sentido, a literatura produzida por mulheres negras não se limita a resistir: ela propõe outras formas de ser e estar no mundo. Ela ressignifica o amor, a maternidade, a

religiosidade, a sexualidade e a relação com o espaço urbano. Ao dar visibilidade a experiências que foram historicamente marginalizadas, essa literatura amplia o horizonte do possível e contribui para uma sociedade mais plural e justa. Moraes (2020) enfatiza que a interseccionalidade, como ferramenta teórica e política, permite compreender como essas múltiplas opressões se entrelaçam, mas também como elas podem ser enfrentadas a partir de uma escrita que não aceita o silêncio.

A literatura, nesse contexto, funciona como um território político, onde a mulher negra pode se reconhecer, se reconstruir e se projetar para o futuro. Não se trata apenas de contar histórias, mas de transformar o mundo por meio delas. Como reforçam Lima, Silva Rocha e Santana (2025), essas vozes periféricas ocupam a centralidade do discurso, reafirmando que a resistência também é poética e que toda escrita que nasce do corpo e da dor pode se tornar instrumento de libertação.

A palavra “escrevivência”, criada por Conceição Evaristo, nasce como um gesto de insubordinação linguística, política e estética. Mais do que um neologismo, ela representa uma forma singular de escrita, forjada no cruzamento entre o vivido e o narrado, entre a dor e a potência de existir, especialmente na trajetória de mulheres negras brasileiras. A escrevivência é, portanto, a prática de narrar a própria história a partir da memória do corpo e da ancestralidade, num movimento que desafia os cânones literários e rompe com os discursos que historicamente negaram à mulher negra o direito à autoria.

947

Na obra de Evaristo, a escrevivência se concretiza como uma escrita atravessada por experiências pessoais e coletivas, em que a linguagem carrega o peso da história, do racismo estrutural e das opressões interseccionais, mas também a força da resistência, do afeto e da oralidade ancestral. Como afirma a própria autora, não se escreve com palavras, mas com o corpo inteiro, pois é a vivência que pulsa na construção de cada narrativa (Evaristo et al., 2020).

A escrevivência, nesse sentido, é também uma estratégia de afirmação identitária. É uma escrita que se recusa a apagar marcas, cicatrizes e vozes que foram silenciadas por tanto tempo. Segundo Da Silva (2017), em Ponciá Vicêncio, a protagonista negra emerge como símbolo dessa escrita que resgata a memória da diáspora africana e dá nome às dores de um povo. O romance não apenas narra uma trajetória individual, mas inscreve no campo literário uma subjetividade negra que foi negada pela tradição literária branca e patriarcal.

Essa dimensão estética da escrevivência articula-se diretamente com sua função política. Ao escrever sobre mulheres negras pobres, marginalizadas, empregadas domésticas, mães solo ou vítimas de violência, Evaristo não reproduz estigmas, mas os confronta. Ela transforma essas

vivências em narrativa, e ao fazer isso, humaniza o que a sociedade tenta desumanizar. Como observa Ferreira et al. (2021), a escrevivência de Evaristo configura-se como uma estratégia político-discursiva de resistência, ao tecer no texto poético e narrativo a presença do corpo negro feminino como espaço de memória e denúncia.

Essa escrita também se apoia fortemente na ancestralidade e na oralidade como elementos estruturantes. Os saberes das avós, as histórias contadas à beira da cama, os rituais do cotidiano, os cantos e as lutas se incorporam às tramas como partes de uma herança viva. A memória, nesse contexto, não é estática, mas ativa. Ela alimenta a narrativa e reafirma o pertencimento a uma história coletiva. Santos et al. (2024) apontam que a escrevivência, ao dialogar com a interseccionalidade, também propõe uma nova forma de ensinar história, mais conectada com as experiências reais de opressão e resistência vividas pelas mulheres negras no Brasil.

Outro aspecto central da escrevivência está no modo como ela constrói personagens negras com profundidade, sensibilidade e autonomia. Como destaca Costa (2022), em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, a autora elabora figuras femininas que não são vítimas passivas, mas protagonistas de suas próprias histórias. Elas choram, amam, lutam, mas também pensam, questionam e constroem seus próprios caminhos, mesmo diante das violências do racismo e do patriarcado.

948

A escrevivência, portanto, transcende a literatura no sentido estrito e se estabelece como prática social. Ela transforma a palavra em instrumento de cura, de denúncia e de reexistência. Ao escrever sobre suas vivências, Conceição Evaristo não apenas compartilha suas histórias, mas convida outras mulheres negras a também contarem as suas. Esse convite coletivo é o que transforma a escrevivência em um movimento um gesto contínuo de insubmissão e afirmação.

Trata-se de uma prática estética que incomoda o status quo literário e de uma prática política que resiste à lógica do apagamento. A escrevivência coloca no centro da narrativa aquilo que a sociedade insiste em manter à margem: o corpo, a fala, o gesto e o pensamento da mulher negra. Ao fazer isso, ela transforma a literatura em lugar de presença e protagonismo.

As personagens femininas nas obras de Conceição Evaristo não ocupam o lugar comum atribuído às mulheres negras na tradição literária brasileira: o de figuras secundárias, silenciadas, estigmatizadas ou meramente funcionais ao enredo de outros. Elas emergem como protagonistas plenas, dotadas de complexidade, humanidade e potência. Evaristo, por meio da escrevivência, reposiciona a mulher negra no centro da narrativa, não mais como objeto da escrita alheia, mas como sujeito de sua própria história, com voz, memória e agência.

O protagonismo das personagens de Evaristo se dá de forma profundamente interligada à ancestralidade, à dor coletiva e à resistência cotidiana. Como destaca Costa (2025), figuras como Regina Anastácia, Sabela e Vó Honorina não apenas existem como lembrança, mas como parte viva de uma linhagem de mulheres que, ao narrar-se e ao serem narradas, afirmam sua existência num mundo que tentou apagá-las. Essas personagens não são heróicas nos moldes convencionais, mas são poderosas em sua persistência, nas pequenas rebeldias do cotidiano, nos afetos que sustentam e nos silêncios que carregam.

Na obra de Evaristo, o protagonismo não está apenas na ocupação de espaço narrativo, mas na capacidade de transformação das próprias condições de vida, mesmo quando marcadas por exclusão, dor e marginalidade. Como apontam Lopes e Martinelli Filho (2018), ao comparar o conto *Maria*, de Evaristo, com *A escrava*, de Maria Firmina dos Reis, é possível observar a transição de uma personagem passiva, que morre silenciada, para uma mulher negra que se insurge, mesmo que discretamente, contra as amarras sociais. *Maria*, personagem de Evaristo, representa essa ruptura simbólica com o silêncio imposto à mulher negra ao longo da história literária.

Muitas dessas mulheres narradas por Evaristo vivem nas bordas da sociedade são empregadas domésticas, mulheres empobrecidas, idosas, mães solo, vítimas de abandono. Mas é justamente dessas margens que elas falam. E quando falam, desestabilizam os discursos dominantes. Segundo Cunha (2020), são vozes insubmissas, que recusam o destino traçado por uma estrutura racista e patriarcal. Essas personagens não esperam ser salvas; elas se reconstróem a partir da memória, da espiritualidade e da relação com outras mulheres, formando redes afetivas e ancestrais de resistência.

O conto *Natalina Soledad*, por exemplo, analisado por Souza e Azevêdo (2021), apresenta a solidão afetiva da mulher negra não como um fim, mas como uma chave de leitura crítica sobre as estruturas sociais que negam o amor a corpos negros. A protagonista, mesmo na dor, não é submissa. Sua trajetória revela camadas de subjetividade e força que rompem com os estigmas da vitimização passiva. Ela resiste e se reinventa. Assim, a escrita de Evaristo permite que essas personagens existam de forma plena: com angústias, desejos, espiritualidade, sexualidade e força criadora.

Outro aspecto marcante do protagonismo na obra de Evaristo é sua articulação com a educação e o pensamento crítico. Em suas narrativas, o saber não está restrito ao espaço acadêmico. As personagens aprendem com a vida, com as dores e com os saberes ancestrais. Para Das Chagas Machado e Silva (2022), a escrita de Evaristo, ao valorizar os saberes cotidianos

e comunitários, contribui também para uma educação formativa, baseada na experiência e na escuta sensível. Dessa forma, a literatura passa a ser também instrumento de formação política e pedagógica.

Evaristo não cria apenas personagens femininas negras protagonistas; ela estrutura mundos em que essas mulheres são o centro de tudo. Os enredos são tecidos em torno delas. Suas vivências moldam a narrativa, suas falas provocam reflexão, suas presenças transformam os espaços ao redor. Como argumenta Nascimento et al. (2023), a escrevivência se consolida como um conceito filosófico que potencializa o protagonismo negro, inclusive no espaço acadêmico, ao validar saberes historicamente marginalizados. Esse protagonismo ultrapassa a ficção e ecoa como uma proposta de epistemologia negra feminista.

Além disso, o protagonismo nas obras de Evaristo está diretamente ligado à memória coletiva. A lembrança das mães, avós, vizinhas e companheiras de luta é o que sustenta as personagens diante da opressão. A narrativa oral, o canto, o sussurro da infância e os conselhos ancestrais tecem a rede de sustentação dessas mulheres. São elas que mantêm a comunidade viva, que costuram o tecido da história. Como diz Costa (2025), essas personagens não estão apenas representadas: elas encarnam, com profundidade, as vozes que foram silenciadas por séculos.

950

Portanto, o protagonismo da mulher negra nas narrativas de Evaristo é mais do que um recurso literário. É um posicionamento político. É uma reconfiguração dos papéis sociais e simbólicos que por tanto tempo tentaram anular essas existências. Ao colocar essas mulheres no centro da narrativa, Evaristo reafirma que elas sempre estiveram ali resistindo, criando, cuidando, lutando e, principalmente, narrando-se em silêncio, à espera do momento em que sua voz se tornasse grito.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como ponto de partida a necessidade urgente de reconhecer, valorizar e legitimar as vozes de mulheres negras na literatura brasileira, tomando como eixo central a produção literária de Conceição Evaristo e seu conceito fundamental de escrevivência. Ao longo da análise, foi possível compreender que a escrita de Evaristo não é apenas um exercício estético, mas um ato político profundo de resgate de memórias, de denúncia das opressões históricas e de reconstrução de subjetividades negras femininas.

Os estudos realizados evidenciaram que a mulher negra, tantas vezes colocada à margem das narrativas sociais e literárias, assume nas obras da autora um papel central, como

protagonista de sua própria história. Ela deixa de ser objeto de representação alheia para tornar-se sujeito de sua própria fala, de sua dor e de sua resistência. As personagens criadas por Evaristo não apenas sobrevivem à exclusão, mas reexistem com dignidade, força, afetos e ancestralidade. Elas rompem com os estereótipos históricos que as aprisionavam em figuras subalternizadas como a empregada, a mãe preta ou a mulher hipersexualizada.

O conceito de escrevivência revelou-se, ao longo desta pesquisa, uma chave de leitura potente para compreender como a literatura pode funcionar como espaço de resistência e de reinvenção. A escrita que brota do corpo negro feminino carrega em si uma memória coletiva, um saber ancestral e uma prática política de enfrentamento das estruturas de poder que historicamente tentaram silenciar essas vozes. Escrever, para Evaristo, é um ato de afirmação da existência, da identidade e da autonomia da mulher negra.

Foi possível perceber também que a literatura de Conceição Evaristo não apenas representa mulheres negras de forma digna, mas insere a experiência dessas mulheres como centro da narrativa. As personagens são complexas, humanas, múltiplas. Elas choram, amam, resistem, aprendem, ensinam, cuidam e se reinventam. Através delas, a autora promove uma verdadeira revolução literária e simbólica: desloca o eixo da literatura brasileira para incluir novas histórias, novos corpos e novas verdades.

951

Outro ponto importante revelado no percurso investigativo foi o entrelaçamento entre literatura e educação. A escrita de Conceição Evaristo, ao valorizar saberes periféricos, experiências vividas e a complexidade do ser negro em sociedade, mostra-se também como uma ferramenta pedagógica poderosa para a formação crítica, para a valorização da diversidade e para a desconstrução de discursos opressores. Ela contribui para ampliar os horizontes do que entendemos por conhecimento legítimo e por história a ser contada.

Por fim, conclui-se que a obra de Conceição Evaristo é mais do que literatura: é um lugar de encontro, de escuta, de cura e de luta. A mulher negra, antes invisibilizada, torna-se centro. Suas experiências passam a importar, sua dor é reconhecida, sua força é celebrada, sua voz é ouvida. A escrevivência é, assim, mais do que uma forma de escrever é uma forma de viver, de resistir e de transformar o mundo pela palavra. Essa pesquisa, portanto, reafirma a importância de olharmos com mais atenção, sensibilidade e respeito para as produções intelectuais e artísticas de mulheres negras. Elas não apenas enriquecem o imaginário literário nacional, mas também nos ensinam sobre coragem, identidade, afeto e humanidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Adeildo Vila Nova E. Edjan; SANTOS, Dos. Mulheres Negras: histórias de resistência, de coragem, de superação e sua difícil trajetória de vida na sociedade brasileira. Clube de Autores (managed), 2021.

BORGES, Rosane. Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CISNE, Mirla; IANAEL, Fernanda. Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. Revista Katálysis, v. 25, n. 2, p. 191-201, 2022.

COSTA, Gilmar Ferreira da. Escrevivência, ancestralidade e protagonismo da mulher negra: memórias e atravessamentos entre “Regina Anastácia”, “Sabela” e Vó Honorina, a médica das ervas. 2025.

COSTA, Gilmar Ferreira da. O protagonismo da mulher negra na obra de Conceição Evaristo: analisando Insubmissas lágrimas de mulheres. 2022.

CUNHA, Eronilde dos Santos. Tessituras do narrar: as insubmissas vozes negras de Conceição Evaristo. 2020.

DA COSTA, Sheryl Andreatta; HILLESHEIM, Betina. Ser Mulher Negra: Existência e Resistência nos Contos de Conceição Evaristo. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 22, n. 2, p. 505-522, 2022. 952

DA SILVA, Rosemere Ferreira. Entre o literário e o existencial, a “escrevivência” de Conceição Evaristo na criação de um protagonismo feminino negro no romance Ponciá Vicêncio. EntreLetras, v. 8, n. 1, p. 7-23, 2017.

DAS CHAGAS MACHADO, Jéssica Vicência; DA SILVA, Alex Sander. Literatura, escrevivências e educação formativa em Conceição Evaristo. Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, v. 16, n. 30, p. 483-503, 2022.

DIAS, Fiana de Castro Azevedo; ARAGÃO, Patrícia Cristina de. Mulheres quilombolas: resistência, identidade e feminismo negro. Serviço Social & Sociedade, v. 148, n. 3, p. e-6628442, 2025.

EVARISTO, Conceição et al. A escrevivência e seus subtextos. Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, v. 1, p. 26-46, 2020.

EVARISTO, Conceição. Escrevivências: escrevendo a vida. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). Escritora negra: presença na literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Mazza, 2005.

FABRINI, Pollyanna. A Marginalização das Mulheres Negras na História. In: X COPENE – Congresso Nacional de Pesquisadores Negros, Uberlândia, 2018.

FERREIRA, Luciana Pereira Queiroz Pimenta et al. A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em “Olhos d’água”. *Letras de hoje*, v. 56, n. 2, p. 251-261, 2021.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

LIMA, Eliesio Costa; DA SILVA ROCHA, Kátia Carvalho; DE SANTANA, Gilberto Freire. VOZES DA PERIFERIA: A AUTOAFIRMAÇÃO E (RE) EXISTÊNCIA DA MULHER NEGRA EM UM MUNDO DE ANTAGONISMOS. *ARACÊ*, v. 7, n. 7, p. 40566-40574, 2025.

LOPES, Michelly Cristina Alves; MARTINELLI FILHO, Nelson. A escre (vivência) presente em Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo: Uma análise dos contos “A escrava” e “Maria”. *REVELL – Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 3, n. 20, p. 314-334, 2018.

MIRANDA, Karoline Nascimento. Mulher negra, trabalho e resistência: Escravizadas, libertas e profissões no século XIX. *Epígrafe*, v. 7, n. 7, p. 83-96, 2019.

MORAES, Eunice Léa de. Interseccionalidade: um estudo sobre a resistência das mulheres negras à opressão de gênero, de raça e de classe. *Letras & Letras*, v. 36, n. 1, p. 261-276, 2020.

NASCIMENTO, Carla de Brito et al. A escrevivência como um conceito filosófico: uma forma de potencializar o protagonismo acadêmico de mulheres negras. 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTANA, Monik Milany Santos; DE OLIVEIRA CORTES, Gerenice Ribeiro. A solidão da mulher negra discursivizada nas mídias digitais: discurso racista, memória e resistência. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 27, p. e024015-e024015, 2024.

SANTOS, Vitctória Karine Mattos dos et al. Escrevivência, interseccionalidade e ensino de História na obra de Conceição Evaristo. 2024.

SOUZA, Crislayne de França Souza; DE AZEVÊDO AZEVÊDO, Nelma Menezes Soares. Escrevivência: o retrato da solidão da mulher negra em Natalina Soledad, de Conceição Evaristo. *Revista FAFIRE*, v. 14, n. 1, p. 102-116, 2021.